

## CONCEPÇÃO SOBRE MITOS E LENDAS RELACIONADOS À FAUNA DA CAATINGA POR ALUNOS DO ENSINO MÉDIO DA CIDADE DE SOBRAL-CE.

Priscilla Evelyn de Souza Silveira<sup>1</sup>  
Alaís Tavares Gomes<sup>2</sup>  
Alycia Kelly Cruz Alves<sup>3</sup>  
Daiani Kochhann<sup>4</sup>

### INTRODUÇÃO

Desde o aparecimento dos primeiros ancestrais do ser humano e ao longo de todo seu processo evolutivo, o estabelecimento e desenvolvimento de relações com outros seres vivos, especialmente os animais, pode ser percebido (Alves, 2012; Alves et. al, 2012.).

Pode-se definir etnobiologia como a ciência que estuda as relações das civilizações humanas com a natureza viva, como ela funciona, as visões que cada povo possui e suas crenças a respeito do papel que essa natureza desempenha (Costa, 2008). Essa área mostra que existem outras formas de reconhecer a natureza, além daquela que a ciência propõe, baseada no racionalismo e em sistemas acadêmicos (Fita, D.S.; Neto, E. M. C., 2007). A etnobiologia é um campo multidisciplinar de estudos, perpassando por diversos campos do conhecimento, desde as ciências biológicas a antropologia, história, sociologia e outras (Fita, D.S.; Neto, E. M. C., 2007). O ramo da Etnobiologia que estuda as relações e a perspectiva das sociedades humanas relacionadas aos animais denomina-se Etnozoologia.

Um dos ramos da Etnozoologia se concentra em entender como os animais estão presentes nos mitos, contos e crenças de um povo e o quão importantes estes saberes são para aquela sociedade (Fita, D.S.; Neto, E. M. C., 2007). Esses mitos e lendas são contados na forma de narrativas, que são transmitidas principalmente pela tradição oral, e exploram fatos não registrados historicamente na cultura de um determinado povo, funcionando como uma memória local carregada de vivências e experiências pessoais (Cavignac, 2007).

Visto que, desde os tempos remotos, as civilizações possuem diferentes visões acerca dos animais faz-se necessário compreender melhor como cada grupo social se relaciona com a fauna e como essas relações afetam positiva e/ou negativamente as espécies. As espécies da fauna da Caatinga são cercadas por mitos e crenças, e os diferentes grupos de pessoas as enxergam de uma forma única, mas que muitas vezes se sobrepõem.

---

<sup>1</sup> Graduando do Curso de Ciências Biológicas da Universidade Estadual Vale do Acaraú – CE, [priuevelyn012@gmail.com](mailto:priuevelyn012@gmail.com);

<sup>2</sup> Graduando do Curso de Ciências Biológicas da Universidade Estadual Vale do Acaraú – CE, [alyciialves.ak@gmail.com](mailto:alyciialves.ak@gmail.com);

<sup>3</sup> Graduando do Curso de Ciências Biológicas da Universidade Estadual Vale do Acaraú – CE, [alaaaisgomes14@gmail.com](mailto:alaaaisgomes14@gmail.com);

<sup>4</sup> Professor orientador Dr<sup>a</sup> Daiani Kochhann pelo Instituto Nacional de Pesquisas da Amazônia – AM, [daia.kochhann@gmail.com](mailto:daia.kochhann@gmail.com).

Diante disto, faz-se necessário conhecer como a população da região enxerga os animais da Caatinga, para que, desta forma, se possa compreender como a população regional está se relacionando com a fauna. Assim, este estudo procura saber quais são, como surgem e como se mantêm os mitos e lendas relacionados aos animais da Caatinga, na concepção de estudantes do ensino médio.

## **MATERIAL E MÉTODOS**

O estudo foi realizado a partir da construção de um questionário estruturado em onze questões, sendo dez delas objetivas e a última subjetiva. Foram escolhidas cinco escolas de ensino médio (do primeiro ao terceiro ano) do município de Sobral, estado do Ceará, sendo duas dessas escolas da rede privada de ensino e três da rede pública e estadual de ensino. O número de alunos por escola variou de acordo com a disponibilidade da coordenação e dos professores. Ao total, foram obtidos 158 questionários respondidos.

Os resultados foram tabelados em planilhas, para verificar a frequência de ocorrência de respostas por questão. Para a análise da questão subjetiva foi utilizado o método do Discurso do Sujeito Coletivo (DSC), que é caracterizado por analisar as representações individuais relacionando-as com o coletivo (Lefevre; Lefevre, 2014).

## **DESENVOLVIMENTO**

O termo Etnozoologia foi definido pela primeira vez por Mason, no ano de 1889, nos Estados Unidos, e tal definição surgiu após o autor observar os comportamentos de caça de alguns povos indígenas norte-americanos. Segundo Mason a Etnozoologia seria a zoologia vista sob a ótica dos selvagens. Na literatura, porém, o termo só apareceu no ano de 1914, tendo como autores Henderson e Harrington. Eles descreveram as formas como os animais eram utilizados por um grupo indígena, e a taxonomia própria daquele povo. A descrição foi apresentada em um artigo chamado “*Ethnozoology of the Tewa Indians*”. A partir disso, o conceito de Mason acabou sendo esquecido, e atribui-se a origem oficial do termo a Henderson e Harrington.

No Brasil, os registros etnozoológicos ocorrem desde a época colonial, mas ainda hoje há poucos estudos, se comparados com as pesquisas no ramo da etnobotânica (Costa Neto, 2000).

A Etnozoologia se relaciona com a conservação da fauna por proporcionar a compreensão de outras formas de conhecimento, não necessariamente baseadas no racionalismo da ciência vigente. Tentando entender a outra visão sobre a fauna, pode-se compreender como os mitos e lendas afetam as populações animais e, diante disso, possibilitar a criação de novas estratégias de conservação e manejo.

## **RESULTADOS E DISCUSSÃO**

Os resultados encontrados no estudo sugerem que a crença em vários mitos relacionados à animais ainda está bastante presente na cultura atual

Nas respostas para a questão “ Você conhece algum animal da caatinga?”, 83% dos estudantes respondeu que conhecia. Já 17% respondeu que não, sugerindo que a maioria dos participantes do estudo possui um conhecimento, mesmo que breve, sobre a composição faunística da Caatinga. Para a questão “Você conhece alguma crença sobre algum animal da região?”, 65% respondeu sim, sugerindo que em nossa cultura ainda existem muitas crenças associadas a diversas espécies. Na questão subsequente, foi perguntado aos alunos se a família deles costuma acreditar em alguma crença sobre algum animal. Para a pergunta, 43% dos alunos responderam afirmativamente. O resultado pode significar que, aos poucos, a cultura de lendas e mitos está diminuindo. Ao serem questionados se alguém de sua família é famoso/conhecido por contar histórias (folclore local, mitos e lendas), apenas 37% respondeu sim. Já 63% responderam não, o que sugere que os costumes e tradições orais, repassadas de geração em geração podem estar diminuindo. Quando perguntados se eles possuem alguma crença sobre algum animal da região, apenas 17% respondeu, podendo significar que, nas gerações atuais, as crenças nos mitos relacionados à fauna são quase inexistentes. Isso pode sugerir um maior nível de informação dos alunos sobre a biologia das espécies. As crenças mais citadas para os 17% que responderam sim na questão anterior são de que a coruja rasga mortalha traz mau agouro e a da cobra preta que mama, com 8,6%, 3,12%, respectivamente. Na questão “Dentre as opções abaixo, qual destas crenças você já ouviu falar?”, foram dadas opções de crenças para que os alunos marcassem as que conheciam, e os resultados para cada crença citada foram: Cobra-preta que mama: 32,75%, coruja rasga mortalha traz mau-agouro: 31,85%, a cobra de veado berra para chamar com 8,85% e o canto da acauã anuncia morte ou chama a seca para o sertão, 6,19%; a porcentagem de respostas em branco foi 20,35%. Quando perguntados se acreditavam que o uso de partes animais pode trazer alguma eficácia medicinal ou espiritual, 52% respondeu sim. Na questão subsequente foi perguntado se o aluno já havia tido os conteúdos de zoologia em sala de aula. Dos alunos entrevistados, 52% disse que sim. A esses que responderam afirmativamente, foi questionado se o professor realizou alguma abordagem sobre mitos/crenças relacionados aos animais, ao que apenas 21% respondeu positivamente. Quando questionados se eles sabem se a matança de algumas espécies da fauna por conta de algumas crenças afeta negativamente os ecossistemas da caatinga, 46% respondeu que sim, 34% disse que não, 9,42% não soube responder. Os 10,14% restantes deixou em branco. Para aqueles que responderam afirmativamente, foi pedido para explicarem como a mortandade afeta os ecossistemas. A partir das respostas desta questão, foram tabeladas as justificativas, e, a partir disso, foi montada a frase do Sujeito Coletivo. Foi possível concluir, a partir das respostas dos alunos, que a caça de espécies da fauna da Caatinga por conta de mitos/lendas afeta negativamente o ecossistema, influenciando negativamente nas cadeias e teias alimentares, além de provocar declínio populacional e extinção de espécies nativas. Além desta frase montada pelo DSC foi também apontada a consequência de que a caça de espécies da fauna por conta de mitos/lendas provoca destruição de habitat (dois alunos citaram) e é considerada crime (um aluno citou). Em contraste com as justificativas dadas pelos alunos, 91 alunos não souberam responder à questão 11, embora tivessem consciência de que a matança de espécies da fauna prejudica de alguma forma o equilíbrio local. Esse número corresponde a mais de 65% do total de alunos que responderam aos questionários. Isso pode indicar ou que o assunto não esteja sendo bem discutido nas escolas, ou que os estudantes não estão interessados na conservação da Caatinga, talvez por não conseguirem identificar essa problemática com o seu convívio diário.

Alves (2011) afirma que a mídia, de maneira geral, é uma forte influenciadora, da formação de opiniões, sendo também uma fonte de divulgação de informações de todos os tipos, inclusive acerca da fauna de um lugar. É possível que essas informações estejam sendo transmitidas de maneira incorreta ou incompleta, o que também pode gerar visões errôneas acerca de alguns animais. Em um estudo com alunos de ensino médio sobre a concepção das espécies de lagartos, os autores mostraram que existem diversas visões erradas acerca destes animais, o que pode gerar hostilidade e medo a estes e a outras espécies, vindo a causar matança indiscriminada, propagação de informações incorretas e disseminação de crenças e superstições (Passos et al., 2015).

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com base nos resultados obtidos, pode-se inferir que os alunos têm um bom conhecimento dos mitos e lendas relacionados à fauna da Caatinga. Observou-se que a crença de que a rasga-mortalha é um animal que traz agouro e de que a cobra-preta, ou muçurana, consegue “mamar” em mulheres em estado de aleitamento são as duas mais conhecidas pelos estudantes. Porém, embora alguns familiares acreditem nessas lendas, boa parte dos alunos já não as toma como verdade. Assim, pode-se concluir que o nível de crença em superstições, ao longo das gerações, está diminuindo.

**Palavras-chave:** Mitos; Lendas, Crenças, Etnozoologia, Fauna.

## REFERÊNCIAS

ALVES et. al. **Caça, uso e conservação de vertebrados no semiárido brasileiro**. Tropical Conservation Science Vol.5 (3):394-416, 2012.

ALVES, L. M. O. B. A mídia como agente operador do Direito. In: Fides, Revista de Filosofia do Direito, do Estado e da Sociedade. Vol. 2 (1). 2011.

ALVES, R. R. N. **Relationships between fauna and people and the role of ethnozoology in animal conservation**. Ethnobiology and Conservation. 1. 1-69. 10.15451/ec2012-8-1.2-1-69.

CAVIGNAC, J. A. **Mito e memória na construção de uma identidade local**. Organon. Vol. 21 (42). 0102-6267, 2007.

COSTA, R. G. A. **Os saberes populares da etnociência no ensino das ciências naturais: uma proposta didática para aprendizagem significativa**. Revista Didática Sistêmica Vol. 8. 1809-3108, 2008.

COSTA-NETO, E. M. **A Etnozoologia no Brasil: um panorama bibliográfico.** Bioikos, PUC- Campinas, Vol. 14 (2). P. 31-45, 2000.

FITA, D.S. NETO, E. M. C. **As interações entre os seres humanos e os animais: a contribuição da etnozologia.** Biotemas, Vol. 20 (4): 0103-1643, 2007.

LEFEVRE, F. LEFEVRE, A. M. C. **Discurso do sujeito coletivo: representações sociais e intervenções comunicativas.** Texto contexto – enferm. Vol. 23 (2): 0104-0707. 2014.

PASSOS, D. C. et al. Calangos e lagartixas: concepções sobre lagartos entre estudantes do Ensino Médio em Fortaleza, Ceará, Brasil. Ciênc. Educ., Bauru. Vol. 21 (1). 2015.